

«Migrants Making Epic Balkans Trek to Europe» (Migrantes numa Jornada Épica pelos Balcãs para a Europa) - Associated Press

Estes migrantes da África Ocidental vão pela via férrea em direção, esperam eles, a uma melhor vida. É uma viagem ilegal, semeada de perigos. Não só evitar os comboios como também escapar à polícia. Estão a correr riscos para poderem recomeçar do zero, à procura de emprego na Europa Ocidental.

«A maior parte de nós vem de África e temos muitos problemas no nosso continente. A economia está mal, a política está mal, o emprego está mal... quer dizer, podes ter uma licenciatura e não encontrar emprego.»

Fidel Castro Chimana – cujos pais eram comunistas ardentes no Congo – é um dos 43 homens, mulheres e crianças que pagaram cerca de 500 dólares para enveredarem pelo caminho conhecido como a rota dos Balcãs Ocidentais para a Europa.

Muitos deles acham que não têm outra opção. Hilarion Charlemagne, da Costa do Marfim, guarda os cartões SIM de telemóvel de todos os países a partir dos quais tentou entrar na Europa.

«Sabemos que, ao passarmos a fronteira, violamos a lei, compreendemos isso. Quando entramos clandestinamente num país, sentimo-nos como criminosos, é um sentimento indescritível.»

A viagem começa no porto de Tessalónica, na Grécia. O passador, que deixou a Associated Press observar a jornada sob condição de anonimado, leva-os por caminhos secundários através da Grécia. Passam ilegalmente para a Macedónia e continuam em direção à fronteira com a Sérvia. A partir daí, outro grupo de passadores levá-los-á à Hungria. A Hungria é essencial porque faz parte da União Europeia. Poderão, em seguida, ir para países ricos, como a Alemanha e a França, sem vistos.

É uma viagem árdua... nem todos vão chegar ao destino.

«Há mulheres que andam a pé, há velhos e velhas que andam a pé. Então e eu? Pronto! Ainda sou novo, meu, então posso andar [risos].»

Mireille Djeukam tem 34 anos e vem dos Camarões. Já há um ano que está a tentar juntar-se ao marido e à filha em Paris. É por isso que se arrisca a levar o seu filho de 10 meses, Christian, pelas vias férreas, atravessando pontes pouco seguras e percorrendo quilómetros de trilhos de pastores. Está a achar isto muito difícil.

«A viagem tem sido difícil, demasiado difícil. Se tivesse sabido que seria tão difícil, não a teria feito. Não posso caminhar tanto.»

A viagem de cerca de 350 quilómetros costuma durar seis a oito dias mas, desta vez, está a demorar muito mais. O grupo é grande. As mulheres e as crianças não podem avançar tão depressa como os homens e o tempo tem vindo a piorar.

«Como é que dormiu?»

«Mal, meu! Está frio!»

O cansaço cada vez maior e a falta de alimentos conduzem a um aumento das tensões. Charlemagne lê o Antigo Testamento, o Livro de Jó – uma boa escolha! Precisa de muita paciência quando Miriam Tore, uma migrante do Mali, o acusa de ter roubado a sua mochila. Charlemagne nega a acusação.

Grande parte da deslocação pela Macedónia é feita à noite, para evitar a deteção, mas isto acarreta ainda mais riscos: esquivar-se a carros em autoestradas movimentadas e atravessar as vilas da Macedónia pelas quais passa a via férrea. Por fim, a chegada à cidade de Veles acaba por ser demasiado arriscada. A maior parte do grupo é detida e enviada de volta à Grécia. Treze pessoas escapam e apenas dez chegam à Sérvia.

Mireille Djeukam estava demasiado cansada para continuar. Ficou numa igreja, com o filho. Atualmente, estão os dois em Atenas, sem qualquer plano e sem dinheiro para voltarem a tentar brevemente.